

RESENHA

RUIBAL, Alfredo Gonzáles. *La experiencia del otro: una introducción a la etnoarqueología*. Madri: Ediciones Akal. 2003, 177p.

O livro “La experiencia del otro: una introducción a la etnoarqueología”, de autoria de Alfredo Gonzáles Ruibal, apresenta muito mais do que o título propõe, tendo em vista a amplitude das abordagens e discussões a respeito da etnoarqueologia. Essa obra apresenta uma linguagem clara e didática, dedicada aos profissionais que buscam conhecer melhor o objeto de estudo deste subcampo da Arqueologia. Embora o autor tenha se dedicado a estudar a Idade do Ferro, na Península Ibérica (pesquisa de doutorado), atualmente preocupa-se com a arqueologia contemporânea e com temas como: as guerras, as migrações em massa, entre outros, realizando pesquisas na Espanha, Etiópia, Guiné Equatorial e Brasil.

Ao longo das 177 páginas, divididas em quatro capítulos, são apresentadas questões de cunho teórico-metodológico e reflexões sobre o futuro da etnoarqueologia. Mesmo de forma modesta, o autor ressalta as interfaces entre a etnoarqueologia e outros campos da arqueologia, como a arqueologia histórica, a arqueologia experimental etc., mostrando uma ampliação das pesquisas.

O tema central do livro abrange as perspectivas do pensar e fazer etnoarqueológico. Por se tratar de uma obra em espanhol e ainda não traduzida, o leitor poderá encontrar dificuldade de compreensão requerendo,

LUIZ CARLOS MEDEIROS DA ROCHA*
ANDRÉA LOURDES MONTEIRO SCABELLO**

muitas vezes, leituras prévias.

O primeiro capítulo, “Teoría y Método”, além de trazer um panorama sucinto da etnoarqueologia, apresenta também a função deste subcampo de pesquisa, que tradicionalmente dedicou-se a estudar grupos étnicos prestes ao desaparecimento, investigando a produção da cultura material desses grupos. Esse olhar para a produção da cultura material – da origem à morte – auxiliará os arqueólogos no entendimento dos processos de formação dos registros arqueológicos.

Ruibal, ainda nesse capítulo, apresenta algumas das tendências teórico-metodológicas pelas quais a etnoarqueologia passou e vem passando, sobretudo na perspectiva da arqueologia processual e a pós-processual, citando os seus maiores representantes (Lewis Binford e Ian Hodder, respectivamente), e as pesquisas etnoarqueológicas realizadas por eles. Cita, também, os trabalhos teóricos de etnoarqueologia de autoria de Gustavo Politis, Nicholas David e a Susan Kramer. No entanto, o autor não se prende às pesquisas do chamado mundo anglo-saxônico, mas aborda igualmente aquelas de autoria de pesquisadores franceses (dando um pequeno destaque a estas), belgas, suíços, alemães e latino-americanos. Segundo ele, nesses últimos anos a investigação etnoarqueológica mostrou-se promissora, es-

* Mestrando – PPGAArq - Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGAArq) Universidade Federal do Piauí – Bolsista CAPES

** Bacharel em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre - Universidade Federal do Piauí

pecialmente através do estudo da variedade cultural no continente sul-americano.

Finaliza o capítulo chamando a atenção para a natureza dos projetos etnoarqueológicos e aos aspectos como a ausência de consenso metodológico; a natureza das generalizações e analogias e das descrições densas, dando destaque as suas experiências na Etiópia.

Os segundo e terceiro capítulos abordam na verdade uma única temática, a da “La Práctica Etnoarqueológica” sob duas perspectivas: a “Vida y muerte de la cultura material”, e da “ Sociedad y mundo material”.

No segundo capítulo, a discussão centra-se especificamente sobre a cultura material estudada pelos etnoarqueólogos, como os materiais líticos, cerâmicos e os metais. O autor faz uma crítica a maneira como a maioria dos arqueólogos se debruça sobre a cultura material, analisando os aspectos tecnológicos e os funcionais, deixando a margem o restante da biografia destes objetos juntamente com suas relações sociais. Apon-ta, com isso, a necessidade de que sejam investigados os vários episódios da vida de um artefato, desde o seu nascimento, uso e até sua morte (apropriando-se aqui do conceito de cadeia operatória).

Nesse livro, os estudos tecnológicos apontam para uma compreensão de que não se devem descrever puramente as atividades de micro-escala, mas entender os processos sociais que ocorrem no seio das mesmas. Deve-se analisar inclusive a forma como os objetos foram abandonados, para permitir o entendimento do processo de formação do registro arqueológico. Para desprendermos das intuições sobre o descarte e abandono dos objetos recomenda-se fazer o uso da tafonomia.

No terceiro capítulo, o autor vai detalhar aspectos da análise da cultura, envolvendo a sociedade e o seu mundo material, trazendo exemplos de vários lugares. A utilização da etnografia nos trabalhos arqueológicos e etnoarqueológicos ganha destaque.

Não obstante, ainda estão presentes questões que demonstram a amplitude que os estudos em etnoarqueologia podem alcançar, a partir das perspectivas de análise das paisagens, dos espaços, do tempo, do gênero, além das próprias etnias, isso tudo a partir da cultura material.

Finalmente, no último capítulo o autor apresenta as perspectivas dessa disciplina ou subdisciplina, chamando atenção para a possibilidade do fim iminente, em função do processo de globalização.

Particularmente, apontamos como um dos pontos fortes dessa obra as reflexões, perspectivas e abordagens que possibilitam um novo pensar, mais ampliado e não limitador sobre o registro arqueológico.

Este livro é sem dúvida uma referência para iniciantes, que almejam realizar trabalhos bem estruturados e uma contribuição para os profissionais que já vêm se dedicando a este fazer arqueológico.

Recebido de 28 de Novembro de 2011